Jornalismo Esportivo: Informação, Opinião e/ou Colunismo Social[1]

Carlos Henrique de Souza Padeiro[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

É tênue no jornalismo esportivo o limite entre informar e opinar devido, entre outros fatores, a opções clubísticas e comportamentos patrióticos dos jornalistas. O maior conhecimento do comunicador em relação à modalidade na qual transita leva a uma tendência de análise e de crítica. Apesar dessa liberdade, o conteúdo ainda prescinde de um aprofundamento em temas mais relevantes. O futebol domina o noticiário e discute-se o banal, o especulativo. Desenvolve-se um colunismo social voltado à vida particular de atletas-celebridades.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; esporte; informação; opinião; colunismo.

TEXTO DO TRABALHO

A distinção e o limite entre informar e opinar são questões preponderantes no jornalismo esportivo. Ao informar, apregoa-se a busca por uma pretensa imparcialidade, e é necessário ouvir diversos lados para entender do assunto.

A conduta, porém, não anula o tratamento da notícia por meio da opinião e do subjetivismo. A escolha da pauta e do entrevistado e a tradução em palavras, imagens ou áudio já sofrem influência da formação social, profissional e cultural do mediador. “Vemos o mundo com nossa experiência. Isto é irremediável”, como relata José Ângelo Gaiarsa (1984, p. 38).

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação na ECA-USP, email: carlospadeiro@usp.br

O jornalista, por mais que esteja pré-disposto aos cânones da isenção, pode ou não tomar partido na descrição dos fatos? Existe mesmo o observador independente e imparcial?

Na editoria de Esporte, essa fronteira informação/opinião tende a ser mais tênue. É natural imaginar que o profissional que escolhe trabalhar na área nutra um gosto pelo assunto e, consequentemente, alimente desde a infância uma preferência por times, modalidades e atletas, além de, possivelmente, ser influenciado pelo patriotismo em uma disputa internacional. Na obra *O Jornalista Profissional*, John Hohenberg afirma que os eventos esportivos requerem conhecimento profundo das pessoas que os reportam:

> Os melhores repórteres esportivos são os que gostam de esportes e praticam, e lidam com ambos (notícias e esportes) com amor. Eles têm a vantagem da liberdade de expressão, um direito dado a todo redator esportivo, e disso se utilizam para se comunicarem com o público em termos mais ou menos originais (HOHENBERG, 1981, p. 390).

A raiz dessa discussão remete ao início do século XX, quando representantes das classes mais altas da sociedade ocupavam o jornalismo esportivo interessados em determinados eventos. Na Dissertação de Mestrado *O "Cartola" e o Jornalista (influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo)*, apresentada na ECA-USP em 1981, o pesquisador Ouhydes João Augusto de Fonseca pontua que, "devido à participação de uma espécie de elite no jornalismo esportivo, o texto era eminentemente opinativo e influenciado pela literatura da época" (FONSECA, 1981, p. 39).

Na década de 1920, antes mesmo de o futebol ter sido profissionalizado no Brasil, já houve um debate sobre a função e as diretrizes do jornalismo esportivo. Naquele momento, ganhava espaço a cobertura do futebol no jornal 'Crítica', de propriedade da família Rodrigues. Mário Filho (seguido futuramente por seu irmão Nelson) despontou como "intérprete de um futebol visto sob o ponto de vista da paixão, comprometido com a narrativa menos tecnicista", como define Luiz Henrique de Toledo em sua Tese de Doutorado *Lógicas no Futebol* (TOLEDO, 2000, p. 177), defendida na FFLCH-USP.

Ruy Castro relata que as crônicas sensacionalistas eram valorizadas em 'Crítica'. A espetacularização como mote das editorias de polícia e de política foi utilizada por Mário e

depois Nelson Rodrigues para redefinir o discurso sobre os esportes, tendo o futebol como carro-chefe. Em *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, Ruy Castro pontua:

> Numa época em que os jornais dedicavam uma ou duas míseras colunas ao futebol (...), Mário Filho resolveu investir nele. (...) Os closes eram ampliados até o tamanho natural - podia se contar cada gota do suor que haviam derramado pelo time. E tudo isto com os textos recorridos, as manchetes explosivas e os pontos de exclamação (CASTRO, 1992, p. 80).

Com opinião contrária, figurava Carlos Saloya, médico filiado à sociedade brasileira de tuberculose e do instituto dos industriários do Rio de Janeiro. No prefácio da obra *O Futebol e sua Técnica*, de Max Valentim (1941), Saloya, ao mesmo tempo que enaltecia o caráter pedagógico das práticas corpóreas, censurava uma certa concepção despojada "inaugurada, inventada ou difundida pela família Rodrigues que, deliberadamente, misturava postura torcedora com especialista, emoção com objetividade, no registro dos fatos esportivos", como observou Toledo (2000, p. 176):

> (...) o esporte era atividade educacional. Tinha de ser tratado educativamente, tecnicamente. Não era possível deixar a parte jornalística, de alta responsabilidade perante o público, entregue ao noticiário de torcedores (...) Depois, a 'economia de redação' de aproveitar cronistas de carnaval na seção desportiva pegou firme, com evidente sacrifício da crítica técnica. Quando os cronistas carnavalescos não bastaram, meteram em cheio os repórteres de polícia (SALOYA Apud TOLEDO, 2000, p. 176-177).

No final da década de 1930 e início da de 40, surge nos impressos paulistas e cariocas um embate em torno do *clubismo*, em mais um viés sobre a subjetividade na atividade jornalística. Tomas Mazzoni, personalidade de destaque no meio esportivo paulistano à época, teceu críticas à mentalidade passional, regionalista e/ou clubística dos jornalistas.

> A imparcialidade ficou completamente às margens nas crônicas e comentários sobre os jogos interestaduais. Nos jogos locais vigorava o clubismo extremado. Os cronistas não eram profissionais, salvo raras exceções. (...) Criaram assim uma crônica partidaríssima (MAZZONI, 1939, p. 116).

Informar e/ou opinar

A introdução histórica acima indica a relevância do tema, mas o que nos interessa neste artigo é a problemática conceitual. A editoria de Esporte tem a responsabilidade de

dar a informação completa e de formar a opinião do público. "O público, apesar das posições pré-concebidas em função de suas preferências clubísticas ou por determinados atletas, é influenciado pela opinião do jornalista" (FONSECA, 1981, p. 46).

Para cumprir essa tarefa, o profissional deve conhecer as regras de cada modalidade e inteirar-se de uma série de fatores. Tudo o que envolve a cobertura, seja de um jogo, de um treino, de um encontro entre dirigentes ou mesmo durante uma entrevista, é importante ser apreendido. A atenção do público depende da quantidade e da qualidade da informação transmitida.

Insere-se nesse contexto a especialização do jornalista, que ocorreu concomitante à evolução do noticiário esportivo durante o século passado. "Para cada especialidade, recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente as possibilidades dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições", afirma o professor Mario L. Erbolato, no livro *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso* (ERBOLATO, 1981, p. 14).

O maior conhecimento do comunicador em relação à modalidade na qual transita leva a uma tendência de análise e de crítica. Enquanto o noticiário representa o factual e o objetivo, o comentário é uma oportunidade de se expressar o emotivo. E a mídia oferece essa liberdade, por meio de colunas (escritas ou faladas) e, mais recentemente, *blogs*, pensados justamente como um espaço para expressar opinião.

No que tange ao jornalismo esportivo, o cerne da questão está no sentimento clubístico/patriótico ou de preferência por um competidor. Nas mesas redondas de televisão e rádio, em colunas nos jornais e em *blogs* de grandes portais, narradores, apresentadores, repórteres, comentaristas, ex-atletas e até humoristas viram personagens, torcedores que adotam postura tendenciosa.

Este tipo de produto, cada vez mais frequente na programação esportiva, pode estar em harmonia com a linha do entretenimento, desde que claramente delimitado e distinguível para o público. Entreter compõe a atividade jornalística, conforme sentenciou o professor e pesquisador Luiz Beltrão, reconhecido pela comunidade acadêmica como o

pioneiro dos estudos científicos sobre comunicação no Brasil. Ele criou um triângulo para simbolizar as funções da atividade jornalística: informar, orientar e divertir, relatadas no livro *Jornalismo Opinativo*. "Diversão é um meio de fuga às preocupações do quotidiano ou costumeiro (...), sem a qual nenhum ser vivo pode evoluir e aperfeiçoar-se" (BELTRÃO, 1980, p. 13).

Na classificação definida por Beltrão, a crônica esportiva se insere, quanto à natureza do tema, na categoria "especializada", chamada também de comentário, e integra página ou seção determinada, com apresentação gráfica do texto diversa das demais matérias ali publicadas, "na qual seu autor focaliza apenas assuntos referentes a um campo específico de atividade, no qual é um expert" (BELTRÃO, 1980, p. 68).

O autor, inclusive, elaborou uma divisão em relação ao tratamento dado ao tema. A crônica pode ser *analítica*, quando os casos são expostos com brevidade e logo dissecados com objetividade. "O cronista dirige-se mais à inteligência do que ao coração". Pode ser *sentimental*, onde "a linguagem é vivaz e usam-se mais qualificativos e gerúndios". E, por fim, o comentário *satírico-humorístico*, "em que o objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens ou pronunciamentos comentados, com finalidade de advertir ou entreter" (BELTRÃO, 1980, p. 68).

Produzida há mais de três décadas e direcionada ao jornalismo impresso, essa conceitualização é adaptável aos dias hoje, mesmo em diferentes plataformas, como a web, a televisão e o rádio. Beltrão condiciona a subjetividade justamente ao 'ponto nevrálgico' citado anteriormente neste artigo: diferenciar o espaço opinativo do espaço informativo.

Lesivo ao jornalismo esportivo é a miscelânea de informação e opinião, cujo ensejo esteja na simpatia do comentarista, narrador, apresentador ou repórter por um dos protagonistas na competição. A ocorrência é comum em transmissões esportivas. Para citar casos simples e rotineiros no Brasil: os pitacos patrióticos de Galvão Bueno (narrador da TV Globo desde 1981), as provocações de Milton Neves (radialista, âncora do programa Terceiro Tempo desde 1982 e apresentador da TV Bandeirantes) e os 'corintianismos' do ex-jogador Neto (comentarista da TV Bandeirantes, colunista de jornal e *blogueiro*) e do

jornalista Chico Lang (comentarista da TV Gazeta desde 1990). Prejudicial também ao conteúdo é a falta de equilíbrio entre a função informativa e a de entretenimento.

Outros trabalhos acadêmicos já apreciaram o subjetivismo dentro do jornalismo esportivo. Em sua Tese de Doutorado *O Futebol ao Rés-do-chão. A coluna e a crônica em tempos de Copa do Mundo*, o professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP) José Carlos Marques realiza uma ampla pesquisa sobre a estratégia dos jornais de recrutarem não somente jornalistas, mas também escritores, cantores, artistas, políticos, ex-jogadores e outras personalidades para escrever sobre futebol, principalmente durante a Copa do Mundo. Na concepção do autor, "a mídia impressa precisou reinventar seu trabalho diante do poderio da imagem dos monitores de TV" (MARQUES, 2003, p. 46).

Marques pondera que as colunas e artigos assinados por 'celebridades' são uma forma de compensar coberturas que se pretendiam cada vez mais objetivas e isentas de juízo de valor, postas em prática a partir da década de 1980 e 90. Ou seja, ao invés do texto apenas informativo (conforme os ditames do *lead* e da imparcialidade), os jornais buscaram uma alternativa para atrair o leitor.

Considerando que o turbilhão de vídeos, fotos e entrevistas dos protagonistas da partida e as análises de especialistas, divulgados pela televisão, rádio e Internet, esgotam a cobertura objetiva horas depois do evento esportivo, os meios impressos optaram por oferecer, no dia seguinte, uma opinião pessoal ou uma crônica de um observador externo ao mundo do jornalismo esportivo, muitas vezes oriundo de diferentes áreas do conhecimento.

Cabe aqui uma definição de crônica. Segundo o crítico alemão Walter Benjamin, o cronista é o narrador da história. Marques parte dessa premissa para concluir que:

> A crônica (...) não visa à mera informação. Seu objetivo, aliás, é transcender os acontecimentos do dia-a-dia dos quais ela se nutre: o cronista não tem pretensões de realizar o trabalho de reportagem do jornalista, mas sim de recriar o fato sob a ótica de ficcionista. Desse modo, trata-se de um gênero que oscila entre a reportagem e a literatura (MARQUES, 2003, p. 48-49).

Em sua pesquisa sobre a crônica em tempos de Copa do Mundo, Marques argumenta que esse gênero jornalístico e/ou literário "adequou-se ao mundo do futebol e o

seu desenvolvimento nos jornais acompanhou também a popularização dessa modalidade esportiva nas grandes cidades".

> E se a crônica está invariavelmente ligada a assuntos do cotidiano, quase sempre secundários e sem importância, o futebol torna-se um tema apropriadíssimo a ela, já que, enquanto jogo e entretenimento, ele também está desligado das esferas sérias da vida (MARQUES, 2003, p. 60).

Considerações finais

Dentro do meio acadêmico e no próprio mercado, há uma concepção de que a editoria de Esporte é considerada menor no jornalismo. Antigamente as notas esportivas apareciam misturadas ao noticiário geral, e os diários políticos e informativos classificavam o esporte, inicialmente, como '*fait-divers'*. O surgimento do rádio, que deu instantaneidade à cobertura dos fatos esportivos, e a implantação do profissionalismo no futebol em 1933 impulsionaram o aprimoramento do jornalismo nesta área, relata Fonseca em sua dissertação.

> Foi preciso que as classes mais altas da sociedade se interessassem pelos esportes, especialmente o futebol, e que alguns jornalistas e escritores mais respeitados se referissem ao tema para que os veículos impressos passassem a se preocupar com ele. Ainda assim, igualmente como uma atividade menor dentro da imprensa (FONSECA, 1981, p. 21).

A cobertura midiática dos preparativos e dos títulos nas Copas do Mundo de futebol de 1958 e 62, associada à repercussão de outras conquistas nacionais, como no tênis, no boxe e nas Olimpíadas, consolidaram de vez a especialidade do jornalismo esportivo, pontua Fátima Ferreira Antunes na obra *Com brasileiro não há quem possa!*.

"A mídia impressa empenhou-se em lucrar com o momento. Intelectuais que ganharam reputação em diversas áreas passaram a participar dos cadernos esportivos, assinando crônicas tematizadas pelo futebol" (FERREIRA Apud BERTOLLI, 2010 ,p. 119). O pioneiro José Lins do Rego, os já citados irmãos Mário e Nelson Rodrigues, Vinicius de Moraes e o poeta Carlos Drummond de Andrade são alguns exemplos.

Essa evolução na editoria de Esporte ocorreu em todos os gêneros jornalísticos (informativo, interpretativo e opinativo). Entretanto, o conteúdo ainda prescinde de um aprofundamento em temas mais relevantes. O futebol domina o noticiário e discute-se o

banal, o especulativo. Desenvolve-se um colunismo social voltado à vida particular de atletas-celebridades e, na televisão, cada vez mais os jornalistas viram personagens principais de suas reportagens. Existe um vazio, uma ausência de projetos e de ideias. Cultua-se a imagem e a busca pela satisfação do aqui e agora, num cenário condizente à crise de valores do pós-modernismo.

A pauta estabelece a promoção de eventos, sendo limitado o debate sobre política do esporte. Há mais um caráter festivo nas coberturas do que uma abordagem comprometida com a informação. As reportagens sobre situação dos atletas, clubes e confederações são permeadas por sensacionalismo.

Jogadores de futebol, entre outros esportistas, são tratados como personalidades, por meio de fofocas. A vigília é constante, e qualquer detalhe irrelevante para o esporte contraditoriamente se torna motivo para pauta. Tempo jogado fora, enquanto migalhas de informação acabam destinadas a atletas de outras modalidades.

Mudam-se os protagonistas, mas a linha editorial segue a mesma. O extenso espaço dedicado a Neymar (maior revelação do futebol brasileiro nos últimos anos, sendo negociado pelo Santos para o Barcelona em 2013), com reportagens sobre a sua fortuna, as suas namoradas, as especulações em relação ao seu futuro, já foi ocupado por Ronaldo (principal jogador da seleção brasileira nas Copas de 1998, 2002 e 2006), Ronaldinho Gaúcho (eleito o melhor futebolista do mundo em 2004 e 2005) e Romário (melhor jogador do Brasil na Copa de 1994), entre tantos outros futebolistas que ganharam status de celebridade.

Em artigo publicado no livro *Futebol e Cultura* (1982), o jornalista norte-americano e brasilianista Matthew Shirts apontou no discurso futebolístico a reprodução do "padrão classista e burguês". Shirts faz uma análise da reportagem 'Os Bons Partidos da Bola', da Revista Placar, de 1979. O texto elenca o patrimônio de Paulo Roberto Falcão, revela o quanto ele tem de dinheiro aplicado no banco e o seu alto salário. O ex-craque de Internacional, São Paulo, Roma e seleção brasileira é descrito como "o melhor partido do futebol brasileiro". Sobre essa matéria de Placar, o autor conclui:

> A mulher é colocada numa posição subalterna e antiamorosa, à procura de um marido rico; dinheiro, obviamente, é uma qualidade fundamental, mas não só a riqueza, como também – e mais importante – o dinheiro "bem aplicado". Valoriza-se desta maneira a própria figura do burguês, o "esperto", à vontade no jogo financeiro, capaz de multiplicar sua fortuna. Mantém-se, pois, dentro desta visão, o sistema intato: os valores burgueses são fortalecidos. Questionamento qualquer nulo. É ainda necessário enfatizar que a narrativa propõe modelos, padrões de vida. Ser jogador seria uma maneira de transformar, 'magicamente', pobres assalariados em 'homens de bem' (SHIRTS, 1982, p. 94).

A liberdade da qual dispões o comunicador esportivo para informar e opinar não resulta no cumprimento das diretrizes de um jornalismo prestador de serviço, cuja missão é colaborar com a formação do cidadão. Na opinião de Shirts, "o baixo nível cultural de alguns cronistas esportivos, a mediocridade de outros, ou o simplismo da pretensão crônica geral brasileira, estabelece e mantém um grau de alienação bastante alto" (SHIRTS, 1982, p. 94).

Nas páginas e programas de Esporte, a informação deixa de significar a representação simbólica dos fatos para se apresentar como um produto que se associa à publicidade, ao entretenimento e/ou ao consumo. Professor e pesquisador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Ciro Marcondes Filho afirma que o jornalismo atual apela para a indústria imaginária de notícias. "Criam-se fatos, forjam-se notícias, estimulam-se polêmicas fictícias. Deixam de ser meios de transmissão de fatos e tornam-se eles mesmos os produtores de mundos" (MARCONDES FILHO Apud RANGEL, 2012, p. 43).

Enquanto se pratica um jornalismo baseado na supervalorização dos personagens e das competições mais importantes, atletas desconhecidos e modalidades consideradas de pouco apelo midiático são renegados por falta de investimento e divulgação. Não se explora o espaço na mídia para estabelecer o esporte como uma oportunidade de prática saudável, de relação social e de formação educacional, como constata a professora Patrícia Rangel no artigo *Jornalistas ou artistas? Uma reflexão crítica sobre o fazer jornalístico esportivo nos meios eletrônicos*.

> O jornalismo esportivo é uma atividade realizada dentro de um contexto maior, que é o jornalismo como um todo. Portanto, os princípios e regras deveriam ser os mesmos. Mas, na prática, o jornalismo esportivo contemporâneo tem o seu universo particular: cultua o herói, revela ídolos, mexe com o merchandising, vende

> publicidade, cria mecanismos para "bisbilhotar" a vida dos atletas, faz julgamentos, avaliações de fatos inusitados e especulações (RANGEL, 2012, p. 48).

A proximidade com as celebridades do esporte provoca no comunicador o sentimento de ser sujeito da mídia. Mário Erbolato, ao conceituar colunismo social, afirma que "o jornalista encarregado da crônica social deve ter um círculo de amizade" (ERBOLATO, 1981, p. 38). Volta-se aqui à problemática do envolvimento emocional na relação jornalista-atleta. Um repórter que num dia é amigo e bajula o competidor no outro terá coragem de criticá-lo?

Portanto, é inadmissível ocupar o espaço da programação com tantas notícias superficiais, praticamente iguais no conteúdo e diferentes apenas no formato (seja texto escrito para Internet e impressos, áudio para rádio e imagem para televisão).

Para funcionar como uma das ferramentas de transformação do esporte, o jornalismo necessita priorizar a ampliação e o aprofundamento da pauta e da notícia. Investir na preparação dos atletas determina detalhes que orientam na compreensão da disputa e estimulam a prática da modalidade. Histórias de superação de competidores pouco badalados, além de serem exemplos de vida, servem para exigir das autoridades comprometimento para enxergar o esporte como parte da construção da cidadania.

Assim, a pesquisa se torna ponto crucial para a produção de notícias. Uma tarefa árdua, porém condizente com a prática de um bom jornalismo, e uma forma de retribuir a liberdade concedida aos comunicadores do esporte, seja na função de informar, interpretar e/ou opinar.

Referências

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERTOLLI FILHO, C. **O trato com a bola: entre a apropriação midiática e a cultura acadêmica**. IN TURTELLI, Sandra Regina (org.). Esporte em Foco. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.

CASTRO, R. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ERBOLATO, M. **Jornalismo Especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

FONSECA, O. J. A. **O "Cartola" e o Jornalista** (influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo). São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1981.

GAIARSA, J. A. **O espelho mágico** – um fenômeno social chamado corpo e alma. São Paulo: Summus, 1984.

HOHENBERG, J. **O Jornalista Profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

MARQUES, J. C. **O futebol ao rés-do-chão**: a coluna e a crônica em tempos de Copa do Mundo. São Paulo: Tese de Doutorado, 2003.

MAZZONI, T. **Problemas e aspectos do nosso futebol**. São Paulo: A Gazeta, 1939.

RANGEL, P. **Jornalistas ou artistas?** Uma reflexão crítica sobre o fazer jornalístico esportivo nos meios eletrônicos. IN GUERRA, M. O.; GURGEL, A.; MARQUES, J. C.; ROCCO JR., A. J. (org.). Comunicação e Esporte: Reflexões. São Paulo: INTERCOM, 2012.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol** – dimensões simbólicas de um esporte nacional. São Paulo: Tese de Doutorado, 2000.

SHIRTS, M. **Futebol *no Brasil ou Football in Brazil?*** IN MEIHY, J. C. S. B.; WITTER, J. S. (org.). Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.